

## Interrogativas-Q em Crioulo de Cabo Verde Com movimento explícito / implícito ou sem movimento?<sup>1</sup>

Nélia Alexandre<sup>2</sup>

(Universidade de Lisboa / Onset-CEL)

([nelia\\_alexandre@clix.pt](mailto:nelia_alexandre@clix.pt))

### 0. Introdução

O objectivo deste artigo é o de apresentar uma descrição das interrogativas-Q em Crioulo de Cabo Verde (CCV – variedade de Santiago). Mostrar-se-ão as estratégias de formação de interrogativas-Q que a língua disponibiliza, tentando avaliar o impacto da escolha de uma em detrimento de outra.

A questão central deste artigo é saber se o processo de formação de interrogativas-Q em CCV envolve ou não movimento-Q, i.e., saber se numa dada posição sintáctica há *Merge* de uma palavra/sintagma-Q e se depois ele é movido por *Attract* para SpecCP para verificar, através de uma relação de *Agree*, os traços formais de C°.

Como irei mostrar, uma língua como o CCV pode apresentar as possibilidades de formação de interrogativas-Q, em função da natureza categorial dos constituintes interrogados, exibidas no Quadro 1 abaixo.

**Quadro 1. Operações sintácticas, estratégias de formação de interrogativas-Q e natureza dos constituintes interrogados**

Operações Sintácticas	Estratégias	Natureza Categorial	
		DP	PP
Com movimento-Q pré-Spellout	<i>Gap</i>	✓	✓
	Cortadora		✓
	Abandono de Prep		✓
Sem movimento-Q pré-Spellout	Resumptiva		✓
	<i>In situ</i>	✓	✓

Para introduzir o tema das interrogativas-Q em CCV, refira-se antes de mais que esta língua apresenta quase exclusivamente a ordem SV neste tipo de construções (cf. (1)-(2)).

- (1) [OD Kusé] ki [SUJ katxor] [V kume]?  
O-que que cão comer(PFV)<sup>3</sup>  
'O que é que o cão comeu?'
- (2) \*[OD Kusé] ki [V kume] [SUJ katxor]?  
O-que que comer(PFV) cão  
Lit.: 'O que é que comeu o cão?'

### 2. Interrogativas formadas por movimento-Q explícito

Tem sido assumido, desde Ross (1967) e, especialmente, Chomsky (1977), que os elementos interrogados são movidos para uma posição em que têm escopo sobre toda a frase (um processo também designado de 'fronting'). O elemento movido funciona como um operador (OP), formando uma cadeia com a sua cauda. Esta cauda é uma variável sintáctica (nula) porque é A'-ligada pelo OP em SpecCP. Neste tipo de cadeia pode operar um mecanismo adicional: o *pied piping*, i.e., algum material lexical associado a uma palavra-Q pode ser 'arrastado' para SpecCP.

Tenha-se em consideração, antes de tudo, os elementos-Q que o CCV disponibiliza e as relações gramaticais a que estes elementos estão associados. Note-se que os elementos-Q listados no quadro 2 estão apresentados sob a forma da sua ocorrência *in situ*, já que, quando sobre eles recaem outras estratégias de formação de interrogativas-Q, a sua aparência pode ser diferente, como veremos nas secções abaixo.

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer à audiência do XXII Encontro da APL pelos comentários feitos. Não posso também deixar de expressar o meu agradecimento aos meus informantes cabo-verdianos, Adalberto Varela, Arlindo Costa, Catarina Oliveira, Danny Spínola, Gil Moreira, Ito, José Moreno e Maria Moreira, pelo seu tempo e esforço.

<sup>2</sup> Financiada pela bolsa de doutoramento BD/13536/2003 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Estrutural Europeu, dentro do IIIº Quadro Comunitário de Apoio, Portugal.

<sup>3</sup> As abreviaturas usadas nas glosas seguem as instruções de "Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses", in (<http://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/LGR04.09.21.pdf>), 2004, segundo as quais:

DEM=demonstrativo	PFV=perfectivo	PROX=próximo
IPFV=imperfectivo	PL=plural	1,2,3.=pessoa
NEG=negação	POSS=possessivo	SG=singular

**Quadro 2. Elementos-Q e suas relações gramaticais**

Relações Gramaticais	Elementos-Q	
	Palavras-Q	Sintagmas-Q
SUJ	Ken/kenha	Ki/kantu + N
	Kusé	
OBJ	Kusé	
	Ken/Kenha	
	Kantu	
OBL Nuclear	P + ken/kenha	P + ki + N
	P + kusé	
OBL Modif	Modi	
	Pamodi	
OBL Locativo	Undi	
	P <sub>di/na/pa</sub> + undi	

### 2.1. A estratégia *gap* (lacunar) sem *pied piping*

Este processo de formação de interrogativas implica movimento de uma palavra-Q para SpecCP, deixando uma cópia vazia no local de extracção. Esta estratégia aplica-se exclusivamente a DPs com a relação gramatical de Sujeito (SUJ), Objecto Directo (OD), Objecto Primário (OBJ1), numa língua que tem construções de duplo objecto, como é o caso do CCV, e Oblíquos que funcionam como modificadores (OBL<sub>Modif.</sub>).

Sendo mais precisa, em CCV, a estratégia *gap* sem *pied piping* forma interrogativas-Q de SUJ, matrizes ou encaixadas, e o elemento-Q aparece sob a forma de *ken/kenha* ‘quem’ e *kusé*<sup>4</sup> ‘o que’ (cf. (3)-(5)).

- (3) [DP/SUJ Ken/kenha] ki ~~{ken/kenha}~~ papia ku nha pai?  
Quem que falar(PFV) com POSS(1SG) pai  
‘Quem é que falou com o meu pai?’
- (4) N ka sabe [DP/SUJ ken/kenha] ki ~~{ken/kenha}~~ papia ku nha pai.  
1SG NEG saber(IPFV) quem que falar(PFV) com POSS(1SG) pai  
‘Não sei quem é que falou com o meu pai.’
- (5) [DP/SUJ Kusé] ki txiga ~~{kusé}~~?  
Coisa que chegar(PFV)  
‘O que é que chegou?’

A estratégia *gap* sem *pied piping* também forma interrogativas-Q de OD, matrizes ou não, usando palavras-Q como *kusé* ‘o que’, *ken/kenha* ‘quem’ e *kantu* ‘quanto’ (cf. (6)-(8)).

- (6) [DP/OD Kusé] ki Djon kunpra ~~{kusé}~~?  
Coisa que João comprar(PFV)  
‘O que é que o João comprou?’
- (7) [DP/OD Ken/Kenha] ki Maria odja ~~{ken/kenha}~~?  
Quem que Maria ver(PFV)  
‘Quem é que a Maria viu?’
- (8) [DP/OD Kantu] ki bu tene ~~{kantu}~~?  
Quanto que 2SG ter(IPFV)  
‘Quanto é que tens?’

Esta estratégia também opera nas construções de duplo objecto. Neste caso, as palavras-Q usadas são as mesmas que as das interrogativas-Q de SUJ ou OD. Em CCV, o OBJ1 das construções de duplo objecto é semanticamente um Benefactivo especificado para [+humano], enquanto o Objecto Secundário (OBJ2) é [± animado]. Por esta razão, o OBJ1 é representado por *ken/kenha* ‘quem’ e o OBJ2 por *kusé/kantu* ‘o que/quanto’ (cf. (9) e (10)).

<sup>4</sup> *Kusé*, com o traço semântico [-hum], só ocorre em interrogativas de SUJ em contextos muito específicos, por exemplo, a frase em (5), no texto, contém um verbo ergativo que aceita um DP[±animado] como seu argumento interno. Em todos os outros casos, *ken/kenha* é a palavra-Q usada neste tipo de interrogativas.

- (9) [DP/OBJ1 Ken/kenha] ki Djon da ~~[ken/kenha]~~ si kasa?  
 Quem que João dar(PFV) POSS(3SG) casa  
 Lit.: ‘Quem é que o João deu a sua casa?’  
 ‘A quem é que o João deu a sua casa?’
- (10) [DP/OBJ2 Kusé/kantu] ki Djon da Maria ~~[kuse/kantu]~~?  
 Coisa/quanto que João dar(PFV) Maria  
 ‘O que/quanto é que o João deu à Maria?’

Relativamente aos OBL<sub>Modifs</sub>, Locativos (LOC) ou não, o CCV disponibiliza palavras-Q como *modi* ‘como’, *pamodi* ‘porque’ e *undi* ‘onde’, como em (11)-(14).

- (11) [DP/OBLModif Modi] ki Djon fase kel funku-li ~~[modi]~~?  
 Como que João fazer(PFV) DEM funco-PROX  
 ‘Como é que o João fez esta cabana?’
- (12) [DP/OBLModif Pamodi] ki Maria ka ben ~~[pamodi]~~?  
 Porque que Maria NEG vir(PFV)  
 ‘Porque é que a Maria não veio?’
- (13) [DP/OBLLoc Undi] ki Maria ta trabadja ~~[undi]~~?  
 Onde que Maria IPFV trabalha  
 ‘Onde é que a Maria trabalha?’
- (14) [DP/OBLLoc Undi] ki Maria bai ~~[undi]~~?  
 Onde que Maria ir(PFV)  
 ‘Onde é que a Maria foi?’

## 2.2. A estratégia gap com pied piping

Este processo de formação de interrogativas-Q envolve movimento através do *pied piping* de um sintagma-Q para SpecCP, deixando uma cópia nula no local de extracção. Esta estratégia aplica-se a DPs e PPs com a relação gramatical de SUJ, OBJ e OBLs, sejam argumentos ou modificadores.

Os DPs com a relação gramatical de SUJ e OBJ assumem a forma de *ki/kantu N* ‘que/quanto N’, como em (15)-(18).

- (15) N ka sabe [DP/SUJ ki mudjeris] ki ~~[ki-mudjeris]~~ fase kel katxupa sabi (li).  
 1SG NEG saber(IPFV) que mulheres que fazer(PFV) DEM katxupa bom PROX  
 ‘Não sei que mulheres é que fizeram esta boa katxupa.’
- (16) [DP/OD Ki librus] ki Djon kunpra ~~[ki-librus]~~?  
 Que livros que João comprar(PFV)  
 ‘Que livros é que o João comprou?’
- (17) [DP/OD Kantu fidjus] ki bu ten ~~[kantu-fidjus]~~?  
 Quanto filhos que 2SG ter(IPFV)  
 ‘Quantos filhos é que tu tens?’
- (18) [DP/OBJ1 Ki mininus] ki pursor da ~~[ki-mininus]~~ kes libru-li?  
 Que meninos que professor dar(PFV) DEM livro-PROX  
 Lit.: ‘Que meninos é que o professor deu estes livros?’  
 ‘A que meninos é que o professor deu estes livros?’

No que diz respeito aos OBL<sub>Modifs</sub> não locativos, apenas os sintagmas-Q que expressam ‘quantidade de tempo’<sup>5</sup> estão sujeitos a esta estratégia *gap* com *pied piping*, como em *ki + N(tenpu, ora, dia, mes, anu)* ‘que N(tempo, hora, dia, mês, ano)’. Veja-se (19), para um tempo específico, e (20).

<sup>5</sup> Note-se que o CCV não tem uma palavra-Q específica que expresse este tipo de informação. *Kantu* ‘quando’ não existe na língua com esta função, mas apenas como conjunção temporal em frases como (i):

- (i) Kantu N tenba dinheru, N ta kumeba tudu dia.  
 Quando 1SG ter(IPFV)+ba dinheiro 1SG IPFV comer+ba todo dia  
 ‘Quando tinha dinheiro, comia todos os dias.’

- (19) [DP/OBLModif Ki dia] ki bu ta bai Fransa ~~{ki dia}~~?  
Que dia que 2SG IPFV ir França  
Lit.: ‘Que dia é que tu vais à França?’  
‘Em que dia/Quando é que tu vais à França?’

- (20) [DP/OBLModif Ki tenpu] ki es mori ~~{ki tenpu}~~?  
Que tempo que 3PL morrer(PFV)  
Lit.: ‘Que tempo é que eles morreram?’  
‘Quando é que eles morreram?’

Quando a estratégia de *gap* com *pied piping* se aplica a OBL Nucleares não locativos, matrizes ou não, o sintagma-Q assume a forma de  $P + ken/kenha/kusé$  ‘P quem/o que’ ou  $P + ki + N$  ‘P que N’, como em (21)-(23).

- (21) Bu ka sabe [PP/OBLNucl ku kenha] ki bu sa ta papia ~~{ku kenha}~~?  
2SG NEG saber(IPFV) com quem que 2SG PROG falar  
‘Não sabes com quem é que estás a falar?’
- (22) [PP/OBLNucl Di kusé] ki bu ka gosta ~~{di kusé}~~?  
De coisa que 2SG NEG gostar(IPFV)  
‘Do que é que tu não gostas?’
- (23) [PP/OBLNucl Ku ki mininas] ki bu papia ~~{ku ki mininas}~~ na festa?  
Com que meninas que 2SG falar(PFV) na festa  
‘Com que meninas é que tu falaste na festa?’

Relativamente aos OBL<sub>Loc</sub>, nucleares ou não, quando interrogados por  $P_{di/na/pa} + undi$  ‘P<sub>de/em/para</sub> onde’ ou  $P + ki + N$  ‘P que N’, eles também estão sujeitos a este processo de *gap* com *pied piping*, como em (24) e (25).

- (24) [PP/OBLLoc Na undi] ki Maria bai ~~{na undi}~~?  
Em onde que Maria ir(PFV)  
‘Onde é que a Maria foi?’
- (25) [PP/OBLLoc Na ki sinema] ki Maria staba ~~{na ki sinema}~~?  
Em que cinema que Maria estar(IPFV)+ba  
‘Em que cinema é que a Maria estava?’

### 2.3. A estratégia cortadora<sup>6</sup>

A estratégia cortadora consiste em mover um sintagma-Q para SpecCP, apagando (na componente fonológica, segundo Duarte, 1996) a Prep seleccionada pelo verbo, sendo seguida por uma cópia nula. Esta estratégia funciona como uma alternativa à de *gap* porque é um processo de fuga ao *pied piping* de constituintes mais pesados (nomeadamente, PPs).

A estratégia cortadora só se aplica a PPs, independentemente da sua relação gramatical, e parece ser sensível à natureza da Prep, i.e., uma Prep ‘leve’<sup>7</sup> (e.g. *di, ku, na*, ‘de, com, em’) pode ser ‘cortada’ (cf. (26) e (27)).

- (26) [DP/OBLNucl Ki subrinhus] ki bu gosta ~~{Ø<sub>di</sub> ki subrinhus}~~ más?  
Que sobrinhos que 2SG gostar(IPFV) muito mais  
Lit.: ‘Que sobrinhos é que tu gostas mais?’
- (27) N purgunta [DP/OBLModif ki skolas] ki Maria ta trabadja ~~{Ø<sub>na</sub> ki skolas}~~.  
1SG perguntar(PFV) que escolas que Maria IPFV trabalhar  
Lit.: ‘Perguntei que escolas é que a Maria trabalha.’  
‘Perguntei em que escolas é que a Maria trabalha.’

Note-se que em CCV as Preps ‘pesadas’<sup>8</sup> não podem ser cortadas (cf. (28b)), preferindo-se uma estratégia de Abandono de Prep (com uma cópia soletrada ou sem ela, como em Inglês), como em (29) e (30).

<sup>6</sup> Tarallo (1984) descreveu esta estratégia pela primeira vez (para o Português do Brasil).

<sup>7</sup> Uma Prep ‘leve’ é uma preposição fonologicamente reduzida e sem conteúdo semântico marcado. É um elemento mais funcional do que lexical.

<sup>8</sup> Uma Prep ‘pesada’ é uma preposição que é fonologicamente longa e que tem conteúdo semântico.

- (28) a. Djon briga ku Maria [<sub>PP/OBLModif</sub> frenti merkadu di Platô].  
João brigar(PFV) com Maria frente mercado de Plateau  
'O João discutiu com a Maria à frente do mercado do Plateau.'  
b. \*<sub>[DP Ki merkadu]</sub> ki Djon briga ku Maria [<sub>PP</sub> Ø<sub>frenti</sub> ~~ki merkadu~~]?  
Que mercado que João brigar(PFV) com Maria  
Lit.: 'Que mercado é que o João discutiu com a Maria?'
- (29) <sub>[DP Ki mesa]<sub>i</sub></sub> ki Djon po si txapeu [<sub>PP/OBLNuc1</sub> riba el<sub>i</sub>]?  
Que mesa que João pôr(PFV) POSS(3SG) chapéu sobre 3SG  
Lit.: 'Que mesa é que o João pôs o chapéu sobre ele?'
- (30) <sub>[DP Ki propostas di Gubernu]</sub> ki kel diputadu-la  
Que propostas de Governo que DEM deputado-DIST  
vota [<sub>PP/OBLModif</sub> kontra ~~ki propostas di Gubernu~~]?  
votar(PFV) contra  
Lit.: 'Que propostas do Governo é que aquele deputado votou contra?'

Com algumas Preps 'pesadas', o CCV prefere a estratégia de Abandono de Preposição com um Vestígio Realizado (vd. *Preposition Stranding with a Spelled-out Trace*, referido por Veenstra & den Besten, 1995:313, e.o.) em detrimento da de Abandono de Preposição com cópia nula (ou seja, *Prep Stranding* à inglesa):

- (31) <sub>[DP Ki mangi]<sub>i</sub></sub> ki Maria odja mininus [<sub>PP/OBLModif</sub> baxu d-el<sub>i</sub>]?  
Que mangueira que Maria ver(PFV) meninos debaixo de-3SG  
Lit.: 'Que mangueira é que a Maria viu os meninos debaixo dele?'  
'Debaixo de que mangueira é que a Maria viu os meninos?'
- (32) \*<sub>[DP Ki mangi]</sub> ki Maria odja mininus [<sub>PP/OBLModif</sub> baxu ~~ki mangi~~]?  
Que mangueira que Maria ver(PFV) meninos debaixo  
Lit.: 'Que mangueira é que a Maria viu os meninos debaixo?'

O facto de a estratégia cortadora ser excluída das ilhas sintácticas é um argumento a favor da análise de que esta estratégia envolve movimento-Q, como em (33)-(35).

- (33) Ilha Nominativa  
\*<sub>[CP <sub>[DP Ki librus]</sub> ki papia [<sub>PP</sub> Ø<sub>di</sub> ~~ki librus~~]]]</sub> é difisi?  
Que livros que falar ser difícil  
Lit.: '\*Que livros é que falar é difícil?'
- (34) Ilha do NP complexo  
\*<sub>[DP Ki mudjeris]</sub> ki dja bu atxa [<sub>DP</sub> un ómi [<sub>CP</sub> ki papia [<sub>PP</sub> Ø<sub>ku</sub> ~~ki mudjeris~~]]]]]?  
Que mulheres que já 2SG encontrar(PFV) um homem que falar(PFV)  
Lit.: '\*Que mulheres é que tu encontraste um homem que falou?'
- (35) Ilha Adjunta  
\*<sub>[DP Ki amigos]</sub> ki bu bai Fransa ku Maria [<sub>CP</sub> sen papia [<sub>PP</sub> Ø<sub>ku</sub> ~~ki amigos~~]]]?  
Que amigos que 2SG ir(PFV) França com Maria sem falar  
Lit.: '\*Que amigos é que tu foste para a França com a Maria sem falares?'

### 3. Interrogativas-Q sem movimento-Q

O CCV exhibe uma estratégia de formação de interrogativas-Q alternativa às anteriores: a estratégia resumptiva. Este processo pode envolver uma cópia invariável soletrada na cauda da cadeia, confundindo-se neste caso com a estratégia de Abandono de Preposição com Vestígio Realizado. A estratégia resumptiva também pode manifestar-se na sua forma canónica, i.e., com uma cópia variável soletrada na cauda da cadeia. Este processo, nas suas duas formas, é uma escapatória ao *pied piping* de PPs e às violações das ilhas sintácticas. Para além disto, proporei que as interrogativas-Q *in situ* do CCV também não envolvem movimento-Q.

#### 3.1. A estratégia resumptiva com cópia invariável

Esta estratégia aplica-se exclusivamente a PPs, OBL Nucleares e Modificadores, com informação locativa ou não, deixando a Prep seleccionada pelo verbo na sua posição original seguida por um pronome invariável (3ª pessoa do singular), mesmo quando a cabeça da cadeia tem traços de plural, sendo assim uma cópia imperfeita da cabeça. Por esta razão, este processo é indistinto da estratégia de Abandono de Preposição com Vestígio Realizado. Para além disso, permite o *pied piping* de um DP, mas não o de um PP, como em (36) e (37).

- (36) [DP Ki subrinhus]<sub>i</sub> ki bu gosta [PP/OBL<sub>Nucl</sub> d-el]<sub>i</sub> más txeu?  
Que sobrinhos que 2SG gostar(IPFV) de-3SG muito mais  
Lit.: ‘Que sobrinhos é que tu gostas dele mais?’  
‘De que sobrinhos é que tu gostas mais?’
- (37) [DP Ki skolas]<sub>i</sub> ki Maria ta trabadja [PP/OBL<sub>Loc</sub> na-el]<sub>i</sub>?  
Que escolas que Maria IPFV trabalhar em-3SG  
Lit.: ‘Que escolas é que a Maria trabalha nele?’  
‘Em que escolas é que a Maria trabalha?’

Um argumento a favor da ausência de movimento-Q nesta estratégia é o facto de ela legitimar enunciados em que os elementos-Q são interpretados a partir de pronomes (resumptivos) que ocorrem no interior de ilhas sintáticas:

- (38) Ilha Nominativa  
[CP [Ki librus]<sub>i</sub> ki papia d-[el]<sub>i</sub>] é difisi?  
Que livros que falar de-3SG ser difícil  
Lit.: ‘Que livros é que falar dele é difícil?’
- (39) Ilha do NP complexo  
[Ki mudjeris]<sub>i</sub> ki dja bu atxa [DP un ómi [CP ki papia ku-[el]<sub>i</sub>]]?  
Que mulheres que já 2SG encontrar(PFV) um homem que falar(PFV) com-3SG  
Lit.: ‘Que mulheres é que tu encontraste um homem que falou com ele?’

Finalmente, esta estratégia resumptiva com cópia invariável aplica-se a sintagmas-Q sob a forma de *ki + N ... P-el* ‘que N ... P-3SG’ (cf. (36) e (37)) e a palavras-Q como *ken/kenha/kusé ... P-el* ‘quem/o que ... P-3SG’, sendo o pronome resumptivo, neste último caso, ambíguo entre uma cópia variável e uma invariável.

- (40) [DP Ken/kenha]<sub>i</sub> ki bu sa ta papia [PP/OBL<sub>Nucl</sub> ku-el]<sub>i</sub>?  
Quem que 2SG PROGR falar com-3SG  
Lit.: ‘Quem é que tu estás a falar com ele?’  
‘Com quem é que estás a falar?’
- (41) [DP Kusé]<sub>i</sub> ki bu kebra karu [PP/OBL<sub>Modif</sub> ku-el]<sub>i</sub>?  
Coisa que 2SG quebrar(PFV) carro com-3SG  
Lit.: ‘O que é que tu partiste o carro com ele?’  
‘Com o que é que tu partiste o carro?’

Realce-se o facto de este tipo de estratégia resumptiva com cópia invariável só poder ser aplicada a PPs com a relação gramatical de OBL locativos se o elemento-Q for ligado-D(iscursivamente), como em (37) acima; caso contrário, só a estratégia *gap* sem *pied piping* é permitida (cf. (42)).

- (42) [DP Undi]<sub>i</sub> ki Maria bai [\*na-el]<sub>i</sub>?  
Onde que Maria ir(PFV) em-3SG  
Lit.: ‘Onde é que a Maria foi nele?’  
‘Onde é que a Maria foi?’

A impossibilidade de se aplicar este processo a constituintes com a relação gramatical de SUJ ou OBJ reforça a ideia de que a estratégia resumptiva com cópia invariável está de facto associada a PPs, como em (43) e (44).

- (43) N ka sabe [DP/SUJ ki mudjeris]<sub>i</sub> ki [\*e]<sub>i</sub> fase kel katxupa sabi (li).  
1SG NEG saber(IPFV) que mulheres que 3SG fazer(PFV) DEM katxupa bom PROX  
Lit.: ‘Não sei que mulheres é que ele fez esta boa katxupa.’  
‘Não sei que mulheres é que fizeram esta boa katxupa.’
- (44) Nu pergunta-u [DP/OD ki librus]<sub>i</sub> ki Djon kunpra-[\*I]<sub>i</sub>.  
1PL perguntar(PFV)-2SG que livros que João comprar(PFV)-3SG  
Lit.: ‘Perguntámos-te que livros é que o João o comprou.’  
‘Perguntámos-te que livros é que o João comprou.’

### 3.2. A estratégia resumptiva com cópia variável

Este processo de formação de interrogativas-Q consiste no *Merge* de um sintagma-Q em SpecCP, deixando uma cópia variável soletrada na posição original do elemento interrogativo. Esta cópia variável soletrada funciona como uma cópia plena dos traços- $\phi$  da cabeça da cadeia. A estratégia só se aplica a PPs que ocorrem dentro de ilhas sintáticas, manifestando-se sob a forma de *Ki + N[+pl] ... P-es* ‘que N[+pl] ... P-3PL’, e competindo com a cópia invariável neste tipo de contextos<sup>9</sup> (cf. (45)-(47)).

- (45) Ilha Nominativa  
[<sub>CP</sub> [Ki librus]<sub>i</sub> ki papia d-[es]<sub>i</sub>] é difisi?  
Que livros que falar de-3PL ser difícil  
Lit.: ‘Que livros é que falar deles é difícil?’
- (46) Ilha do NP complexo  
[Ki mudjeris]<sub>i</sub> ki dja bu atxa [<sub>DP</sub> un ómi ki papia ku-[es]<sub>i</sub>]?  
Que mulheres que já 2SG encontrar(PFV) um homem que falar(PFV) com-3PL  
Lit.: ‘Que mulheres é que encontre um homem que falou com eles?’
- (47) Ilha Adjunta  
[Ki amigus]<sub>i</sub> ki bu bai Fransa ku Maria [<sub>CP</sub> sen papia ku-[es]<sub>i</sub>]?  
Que amigos que 2SG ir(PFV) França com Maria sem falar com-3PL  
Lit.: ‘Que amigos é que tu foste para França com a Maria sem falares com eles?’

O *pied piping* nunca é permitido nestes contextos, como em (48).

- (48) Ilha do NP complexo  
\*[Ku ki mudjeris]<sub>i</sub> ki dja bu atxa [<sub>DP</sub> un ómi ki papia ~~ku ki mudjeris~~<sub>i</sub>]?  
Com que mulheres que já 2SG encontrar(PFV) um homem que falar(PFV)  
\*‘Com que mulheres é que tu encontre um homem que falou?’

### 3.3. Interrogativas-Q *in situ*

Deixando a discussão dos prós e contras de várias análises sobre as interrogativas-Q<sup>10</sup> para outra oportunidade, vou assumir desde já que estas construções não envolvem movimento-Q.

Os falantes do CCV preferem as interrogativas-Q *in situ* quando estas recebem uma leitura de ‘eco’, i.e., os falantes consideram estranha a informação dada no enunciado anterior<sup>11</sup>, não aceitando respostas com palavras negativas (como em (50b)).

- (49) Bu ta bai kasa ku KENHA?<sup>12</sup>  
2SG IPFV ir casar com quem  
‘Vais casar com quem?’
- (50) a. (Ku) Maria.  
Com Maria  
b. #(Ku) ningen.  
Com ninguém

Para além disto, note-se que todos os elementos-Q do CCV (*kenha*, *kusé*, *kantu*, (*dí/na/pa*) *undi*, *modi* e *pamodi*) podem ocorrer *in situ* em contextos matrizes (cf. (51)-(56)).

<sup>9</sup> Os juízos de gramaticalidade de dois dos meus informantes mostram que esta estratégia não é restrita ao contexto de ilhas sintáticas, mas tais enunciados são muito raros no meu *corpus*:

(i) [<sub>CP</sub> [Ki subrinhus]<sub>i</sub> ki] bu gosta d[-es]<sub>i</sub> más txeu?  
Que sobrinhos que 2SG gostar(IPFV) de-3PL muito mais  
Lit.: ‘Que sobrinhos é que tu gostas deles mais?’  
‘De que sobrinhos é que tu gostas mais?’

<sup>10</sup> Para análises alternativas sobre as interrogativas-Q *in situ*, veja-se Huang 1982, que propôs, pela primeira vez, um parâmetro-Q segundo o qual os sintagmas-Q podem mover-se quer na sintaxe explícita, quer em LF. Pesetsky 1987, que distinguiu elementos-Q ligados-Discursivamente dos que não são ligados-D, propôs que apenas os elementos-Q não ligados-D se movem em LF. Por sua vez, Ambar & Veloso 2001 propuseram uma análise das interrogativas-Q *in situ* em Português Europeu que envolve movimento do ‘remanescente’.

<sup>11</sup> Segundo Brito, Duarte & Matos (2003:475), e adaptando a proposta das autoras ao CCV, a leitura de ‘eco’ está associada a uma curva entoacional «com maior acento de intensidade sobre o constituinte em destaque».

<sup>12</sup> O acento de intensidade, típico da leitura de ‘eco’, é marcado com letras maiúsculas.

- (51) Djon odja [<sub>DP/OD</sub> kenha]?  
João ver(PFV) quem  
'O João viu quem?'
- (52) Maria obi [<sub>DP/OD</sub> kusé]?  
Maria ouvir(PFV) coisa  
'A Maria ouviu o quê?'
- (53) Mankara é [<sub>DP/Pred</sub> kantu]?  
Amendoins ser quanto  
'Os amendoins são quanto?'
- (54) Maria ta bai [<sub>PP/OBLNucl</sub> na/pa undi]?  
Maria IPFV ir em/para onde  
'A Maria vai para onde?'
- (55) Nho Abron é [<sub>DP/Pred</sub> modi]?  
Senhor Abraão ser como  
'O Sr. Abraão está como?'
- (56) Bu ómi da-u bafatada [<sub>DP/OBLModif</sub> pamodi]?  
POSS(2SG) homem dar(PFV)-2SG bofetada porquê  
'O teu homem bateu-te porquê?'

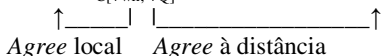
Quanto à ocorrência destas construções em contextos não matrizes (incluindo ilhas sintáticas), a maior parte dos falantes do CCV não aceita esses enunciados, com em (57) e (58).

- (57) CP completivo  
OK/\*Djon fla-u [<sub>CP</sub> ma Maria fase [**kusé**]]?  
João dizer(PFV)-2SG COMP Maria fazer(PFV) coisa  
Lit.: 'O João disse-te que a Maria fez o quê?'
- (58) Ilha do NP complexo  
OK/\*Maria konxe [<sub>DP</sub> kel mininu [<sub>CP</sub> ki ben [**di undi**]]]?  
Maria conhecer(IPFV) DET menino que vir(PFV) de onde  
Lit.: 'A Maria conhece o rapaz que veio de onde?'

Assumamos que, em CCV, os elementos-Q têm de ser licenciados por um C° [+Q, +INT] e que o domínio de verificação de C° não é estritamente local, i.e., os seus traços podem ser verificados através de *Agree* a longa distância. Esta proposta explica directamente a agramaticalidade de (57) e (58): em (57), *ma* 'que', o complementador das frases declarativas, é [-Q, -INT] (não podendo verificar, por exemplo, o traço [+Q] de *kusé*); em (58) *ki* 'que', o complementador das frases relativas, é [+Q, -INT] (podendo verificar o traço [+Q], mas não o [+INT], de *undi*). Como os complementadores *ma* e *ki* não conseguem verificar os traços de *kusé* ou *undi*, respectivamente, a derivação explode.

Os falantes que consideram (57) e (58) gramatical têm outra gramática (podem estar a analisar estas frases como interrogativas reais e não como interrogativas de 'eco', por exemplo).

As interrogativas-Q múltiplas também são um argumento a favor da operação de *Agree* a longa distância. Em CCV, um dos elementos-Q move-se para SpecCP enquanto os outros ficam *in situ*, sendo os seus traços verificados por *Agree* a longa distância (cf. (59) e (60)).

- (59) Kenha ki da ki mininus kel libru-li?  
Quem que dar(PFV) que meninos DEM livro-PROX  
'Quem é que deu a que meninos este livro?'
- (60) [<sub>CP</sub> [Kenha] [<sub>C[+wh, +Q]</sub> ki] [~~kenha~~] da [ki mininus] kel libru-li]?  
  
 ↑                      ↑  
*Agree* local      *Agree* à distância

Apresenta-se abaixo um quadro descritivo que pretende resumir a distribuição das relações gramaticais relacionadas com as estratégias de formação de interrogativas-Q em CCV e a operação *Move*.



**Quadro 3. Operações sintáticas, estratégias de formação de interrogativas-Q em CCV e relações gramaticais abrangidas**

Estratégias de formação de Interrogativas-Q				Relações Gramaticais	
Com movimento-Q	Gap	Sem <i>pied piping</i>		SUJ	
				OBJ	
				OBL	
		Com <i>pied piping</i>	DP	SUJ	
				OBJ	
			OBL <sub>Modif'tempo'</sub>		
		PP	OBL		
		Cortadora		OBL	
Abandono de Preposição		OBL			
Sem movimento-Q	Resumptiva	Cópia invariável soletrada		OBL	
		Cópia variável soletrada		OBL (apenas em ilhas sintáticas)	
	In situ			Todas (em contextos matrizes)	

#### 4. Comentários finais

O CCV disponibiliza várias estratégias de formação de interrogativas-Q: a aplicação ou não do movimento-Q parece ser uma das principais características distintivas entre elas.

A estratégia *gap* (lacunar) envolve movimento-Q e opõe-se às outras duas grandes estratégias que não implicam a operação de movimento-Q: a resumptiva e a *in situ*.

Dentro da estratégia *gap* podemos identificar quatro subtipos, em função da natureza categorial do constituinte interrogado.

Assim, se for um DP:

(i) pode mover-se por *pied piping*, no caso de ser ligado-D, desempenhando funções gramaticais de SUJ e OBJ;

(ii) a palavra-Q move-se para SpecCP, mas não arrasta mais nenhum material consigo (i.e., sem *pied piping*).

Se for um PP:

(i) pode mover-se por *pied piping*, mover apenas o DP argumento de P, apagando na componente em PF a Prep, tipicamente 'leve' ou deixar a Prep no local de origem seguida ou não de uma cópia soletrada.

Quanto às interrogativas-Q que não envolvem movimento-Q, identificaram-se duas estratégias: a resumptiva e a *in situ*. A resumptiva, por bloquear o *pied piping* de PPs e por legitimar elementos-Q interpretados a partir de cópias soletradas dentro de ilhas sintáticas, evidencia o facto de o CCV ter duas gramáticas em competição. Realce-se ainda o facto de a estratégia resumptiva com cópia invariável ser preferida à de cópia variável, visto que a última, mas não a primeira, é restrita aos contextos de ilhas sintáticas.

Finalmente, as interrogativas-Q *in situ* do CCV não envolvem movimento-Q porque recebem sempre uma leitura de 'eco', i.e., as palavras-Q *in situ* do CCV não funcionam como quantificadores e não se movem pós-*Spellout* (em LF). Em vez disso, as palavras-Q ficam *in situ* e os seus traços são verificados através de uma operação de *Agree* a longa distância a partir de um C° [+Q, +INT].

## Referências

- AMBAR, Manuela & VELOSO, Rita. 2001. "On the nature of Wh-phrases – word order and Wh-in-situ: evidence from Portuguese, French, Hungarian and Tetum", in D'HULST, Yves; ROORYCK, Johan & SCHROTEN, Jan (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 1999. Selected Papers from 'Going Romance' 1999*, Amsterdão: John Benjamins Publ.
- BRITO, Ana M<sup>a</sup>., DUARTE, Inês & MATOS, Gabriela. 2003. "Estrutura da frase simples e tipos de frase", in Mateus, M<sup>a</sup>. Helena et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5<sup>a</sup> ed., 433-506, Lisboa: Caminho.
- CHENG, Lisa. 1991. *On the Typology of Wh-Questions*, Diss. PhD., Mass.: MIT.
- CHOMSKY, Noam. 1977. "On Wh-Movement", in Peter Culicover; Thomas Wasow & Adrian Akmajian (Eds.), *Formal Syntax*, New York: Academic Press, pp. 71-132.
- DUARTE, Inês. 1996. "A topicalização em Português Europeu: uma análise comparativa", in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. I, Lisboa: Colibri, pp. 327-360.
- HUANG, James. 1982. "Move Wh in a language without Wh Movement", in *The Linguistic Review*, 1, pp. 369-416.
- ROSS, John R. 1967. *Constraints on Variables in Syntax*, PhD. Diss., Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- TARALLO, Fernando. 1985. "The filling of the gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese", in KING, L. & MALEY, C., *Selected Papers from the XIII<sup>th</sup> Linguistic Symposium on Romance Languages*, Amsterdam: John Benjamins Publ., pp. 355-375.
- VEENSTRA, Tonjes & den BESTEN, Hans. 1995. "Fronting", in Jacques ARENDS; Pieter MUYSKEN & Norval SMITH (Eds.), *Pidgins and Creoles – an introduction*, Amsterdão: John Benjamins Publ., 303-315.